



Gudrun,  
*a princesa*  
*do Campo Belo*

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Sílvio Ribas*

Coordenação editorial: *Alexandre Carvalho*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Jennifer Souza Almeida Ferraz*

Capa e diagramação: *Elisa Zuigeber*

Ilustrações: *iStock*

Impressão e acabamento: *PAULUS*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Ottowitz, Taciana

Gudrun, a princesa do Campo Belo / Taciana Ottowitz. – São Paulo: Paulus, 2021. - Série TEENS.

ISBN 978-65-5562-159-4

1. Literatura infantojuvenil 2. Afetividade - Literatura infantojuvenil

3. Adolescentes - Literatura infantojuvenil

I. Título II. Série

CDD 028.5

21-0007

CDU 087.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos

lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

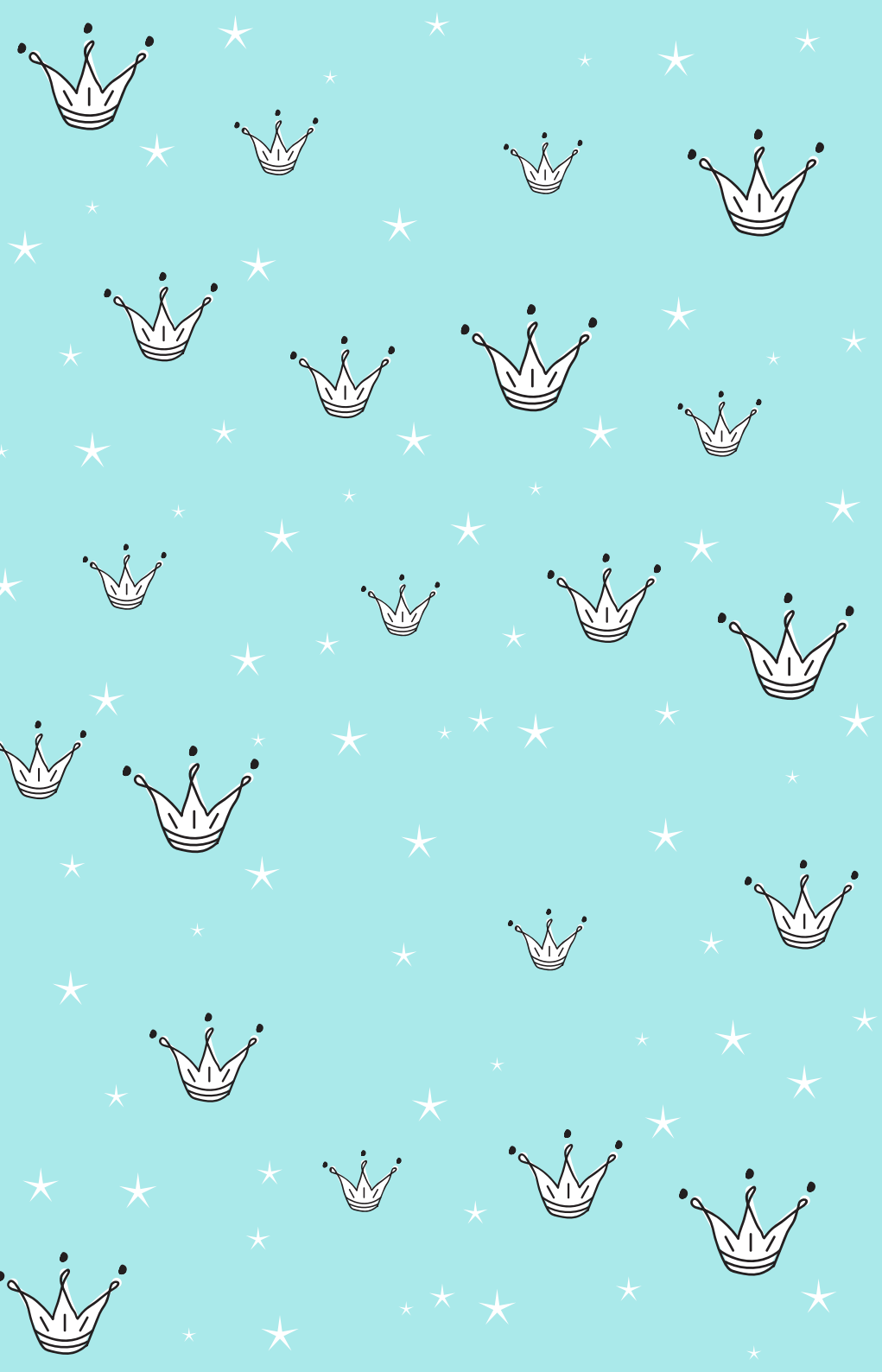
ISBN 978-65-5562-159-4

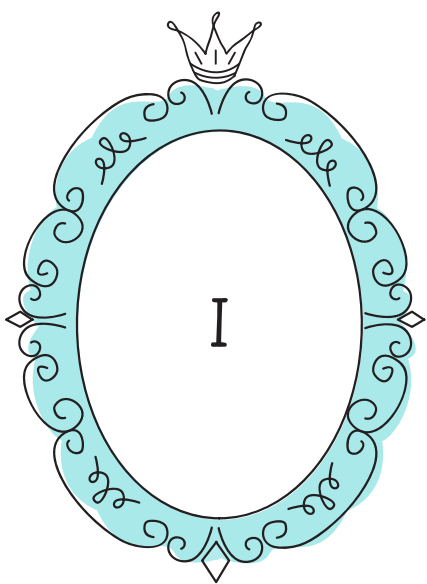
TACIANA OTTOWITZ

Gudrun,  
*a princesa*  
*do Campo Belo*



PAULUS





Gudrun tinha os cabelos cacheados, sedosos e brilhantes; ainda por cima era corajosa, teimosa e determinada. Ela era descendente de alemães, e tanto o pai como a mãe da mãe dela vieram para o Brasil como fugitivos da Segunda Guerra Mundial, no mesmo navio até. Eram crianças quando chegaram a terras brasileiras. A avó, aliás, era bebê de colo. Anos depois, já adultos, casaram-se nesta nova pátria e logo a povoaram com três lindas filhas.

Margit, a filha mais velha e a futura mãe da Gudrun, cresceu e tornou-se uma jovem muito atraente. Aos vinte e dois anos se interessou, de imediato, por um alemão recém-chegado a São Paulo, que veio trabalhar numa filial de sua empresa alemã. O projeto duraria três meses e, depois disso, Simon retornaria à Alemanha.

Claro que Margit tinha muito contato com os descendentes daquela pátria longínqua, pois compartilhavam a mesma vizinhança no bairro do Campo Belo – onde morava –, e eles frequentavam o mesmo clube e iam às mesmas festas. Mas esses vizinhos eram quase todos nascidos e crescidos aqui, o que fazia com que falassem uma mistura entre português e alemão. Simon era diferente. Margit sentiu como voltar às raízes. Foi uma paixão fulminante em terras tropicais.

Gudrun sabia de cor e salteado a história do encontro cinematográfico dos seus pais. Tinha sido um dia especial, que havia determinado e mudado radicalmente o destino dos dois. Tudo havia acontecido num desenrolar de acontecimentos – um intercalado no outro –, os quais determinaram o futuro conjunto de Simon e Margit.

Naquele dia, pela manhã, Simon já estava saindo do seu pequeno apartamento para o trabalho, quando tocou o telefone. Era Eduardo Schmidt, o chefe da filial brasileira:

– Bom dia, Simon. Tudo bem? Você nem imagina tudo o que já aconteceu comigo hoje! O elevador do meu prédio



quebrou, fiquei preso lá dentro e, por fim, quando consegui sair, tive que descer o restante dos andares pelas escadas até chegar ao estacionamento. Fui ligar meu carro e, para piorar a situação, este, claro, enguiçou! Não sei o que foi, pois o automóvel é novo: menos de um ano de uso. Continuando: saí para a rua para chamar um táxi, quando fui avisado de que os taxistas estão em greve. Daí, eu voltei para o meu apartamento, subindo, claro, todos os lances de escada...

Bufava tanto enquanto relatava o seu martírio, que mais parecia que tinha subido as montanhas mais altas do mundo de uma só vez.

– Liguei para a empresa e me avisaram que o Roberto... sabe quem é? Roberto Expósito, o engenheiro que irá, ou melhor, iria assumir o posto de gerente de produção na nossa companhia. Pois é, ele acabou de pedir demissão... Bem, mas por que estou ligando para você? Sim, Simon, como seu apartamento fica perto do meu, gostaria de pedir-lhe uma carona para chegar à empresa o quanto antes... Tenho que resolver esse pepino! – explicou.

– Pepino? – perguntou Simon.

– Você não me entende, né? Deixa para lá, no carro vou lhe dar algumas aulas de português do dia a dia.

Na verdade, o apartamento do Eduardo não ficava tão perto assim, mas Simon, que sempre estava de bom humor e gostava de ajudar, desviou o seu trajeto para poder buscá-lo.

E essa foi a sua sorte grande, pois, durante a carona, os dois conversaram sobre a firma e os planos de expansão. Simon era inteligente e tinha boas ideias para a implementação de algumas melhorias na empresa, as quais foi enumerando durante o percurso. Isso impressionou Eduardo, que ia concordando ligeiramente com a cabeça, ao mesmo tempo que já matutava mil outras coisas mil anos-luz à frente, entre elas,



se o jovem não seria a pessoa adequada para assumir o posto que seria do Roberto.

– Sei que está há pouco mais de dois meses aqui, mas você trouxe boas referências da Alemanha, e todos estamos mais do que satisfeitos com o seu trabalho – falou Eduardo impulsivamente, mas com a certeza de que havia tomado a decisão correta. – Essas ideias que você acabou de sugerir também podem funcionar. E o mais importante: precisamos urgentemente de alguém para ocupar o cargo.

Simon, que foi pego de surpresa com a proposta, ia gaguejar qualquer coisa, quando foi interrompido por um estrondo à sua frente. Um piano de cauda que estava sendo puxado, por meio de cordas, para a sacada do terceiro andar de um prédio, de repente começou a fazer o caminho inverso. As cordas se romperam e o piano, obedecendo às leis da gravidade, foi cair justamente em cima de um caminhão de melancias, parado bem ali embaixo. O caos foi total e a rua estreita ficou repleta de restos de madeira e pedaços de melancia!

O jovem breiou na hora, assim como a moça que dirigia o carro da frente. Ainda assustado com o que estava acontecendo, ele viu a moça sair do carro e começar a falar alto, quase gritando, enquanto gesticulava freneticamente:

– Mas o que é isso? E agora, como vou passar? Preciso passar!

Ela olhava para a rua interditada e balançava a cabeça, incrédula, ao mesmo tempo que soltava palavrões em alemão.

Simon, ao escutar aquilo, desceu imediatamente do carro.

– Você fala alemão?

– V... você também? – ela respondeu envergonhada, e tentou se explicar: – É que tenho uma entrevista importantíssima hoje. Não sei o que fazer. Perdi a primeira oportunidade





porque torci o pé no dia anterior jogando voleibol, coisa que não fazia há séculos. Na segunda, foi a vez da pessoa que me entrevistaria quebrar o braço jogando tênis no final de semana. Dá para acreditar nisso? E, agora, como vou explicar que um piano se desprende das cordas e cai em cima de um caminhão de melancias, que, por sua vez, entorna a rua dessas frutas gigantes e congestionam o trânsito? Como explico isso? E esta é a minha grande chance de ir para a Alemanha!... Você mora lá?

Margit estava pleiteando uma vaga numa empresa, situada na Alemanha, que estava recrutando pessoas que falassem tanto português como alemão.

– O importante é que ninguém se machucou – o jovem falou, docemente, tentando acalmá-la. – Vamos fazer o seguinte: ajudamos a tirar as melancias do caminho, empurramos e estacionamos seu carro ali na frente, pois não creio que dê para você dirigir-lo assim... – o carro da jovem fora atingido por duas melancias. – E depois, se o Eduardo estiver de acordo, e se o lugar da sua entrevista for mais ou menos perto da nossa empresa, posso deixá-la lá. De todo modo, chegará atrasada, mas nós poderemos ajudar a explicar o ocorrido. Depois, resolveremos o assunto do seu carro.

Fez uma pausa; com os olhos fixos nos dela.

– Sim, eu moro na Alemanha, e podemos conversar sobre Hamburgo durante o trajeto.

– E quem irá acreditar nessa história maluca? Vão pensar que somos um bando de loucos! – retrucou a moça, irritada.

Eduardo sorriu e interrompeu a conversa:

– Eu não tenho mais tanta pressa, pois acho que já encontrei um substituto para o Roberto.



Simon abaixou a cabeça, mas antes cruzou olhares com Margit e, pela primeira vez em sua vida, corou. Foi logo catando melancia, enquanto tentava ignorar o sorriso malicioso do seu colega de empresa.

Pouco depois, conseguiram “limpar” a rua, para que pudessem passar. Margit foi com Simon e Eduardo. Ela, obviamente, chegou atrasada e a sua concorrente já estava sendo entrevistada no lugar dela. Só lhe restou, à noite, chorar as mágoas no ombro de Simon. Na verdade, chorou pouco e riu muito mais a noite inteira.

Naquele dia, a jovem perdeu a oportunidade de trabalho na Alemanha; ao mesmo tempo, Simon arrumou um emprego no Brasil. Mas, antes de tudo isso, foi naquele mesmo dia, tão tumultuado, que os dois se apaixonaram.

Pouco tempo depois, Simon e Margit se casaram, e dessa união nasceu Gudrun, que crescia no Brasil, mas desde pequena já sonhava com a Alemanha.

Na verdade, a jovem Gudrun se sentia muito atraída por aquela terra do outro lado do oceano, sem jamais ter estado lá. Nunca visitara os avós paternos na Alemanha. Aliás, ela nem os conhecia pessoalmente. Todos os natais recebia um pacote, sempre acompanhado de um belo cartão, assinado por eles e desejando um “feliz natal”. Não era somente um, mas vários presentes. Todos caros e totalmente inúteis! No ano anterior, ganhara quatro bonecas de uma vez só, sendo que já fazia séculos que ela não brincava mais. Que diferença dos avós maternos, com quem tinha contato quase diário e sabiam perfeitamente do que ela gostava ou não!

Além desses avós queridos, havia as tias com os seus respectivos maridos e filhos, que compunham a verdadeira família da jovem e também moravam aqui no Brasil. Margit



tinha ainda alguns antepassados irlandeses e outros parentes distantes na Alemanha.

E era aquele sangue alemão, que corria nas veias da jovem Gudrun, que falava mais alto. Sempre quis viajar com seus pais até lá, porém, toda vez havia uma nova desculpa. Não eram ricos, mas sabia que, se o dinheiro era um problema, não era o empecilho principal. Na verdade, o seu pai havia praticamente cortado os laços com a sua família porque decidira casar-se com uma “brasileira pobre” e viver, para sempre, neste país distante. Os pais dele, que tinham um “sobrenome nobre” e uma boa condição financeira, nunca aceitaram, de fato, a decisão do filho. Mais ainda, a história das desavenças envolvia uma ex-noiva de Simon, assunto em que ninguém gostava de tocar.

E, quando Gudrun perguntava, pedia, implorava – “Vamos para a Alemanha?” –, a resposta era a mesma: “Quem sabe, no ano que vem!”, “Talvez, vamos ver!”. Cansada de promessas, a jovem decidiu começar a economizar. Se seus pais não a levassem até lá, ela iria, um dia, de qualquer jeito, sozinha e pronto! Já havia tomado a sua decisão. Trabalharia de babá, buscaria uma bolsa de estudos. Daria um jeito!

Mas tudo mudou, ou melhor, se acelerou, quando a jovem recebeu uma carta. Sim, uma carta entregue pelo carteiro! Veio dentro de um envelope, num papel cheiroso, e estava escrita com caneta-tinteiro. A remetente era Madeleine von Kliphausen, tia do seu pai, que, de quando em quando, telefonava para ele. A carta, no entanto, estava endereçada a ela, Gudrun von Kliphausen. Curiosa, rasgou logo o envelope para chegar rapidinho ao conteúdo.



*Querida sobrinha Gudrun,*

*Sou sua tia Madeleine, esposa de Klaus-Peter, irmão do seu avô. Talvez seu pai tenha comentado com você, que agora não moramos mais na Alemanha, porque nos mudamos para a França, minha terra natal. Gostaríamos de convidar-lhe para vir passar um mês aqui conosco, assim que você entrar em férias. Queremos muito conviver com a filha de Simon, nosso sobrinho querido. Klaus-Peter von Kliphausen irá contatar seu pai por e-mail. Ele fará o convite, passará os detalhes da viagem e depois enviará a passagem e todo o resto.*

*Você deve estar se perguntando por que recebeu uma carta nos dias de hoje. Escrevo e envio-lhe esta carta pelo correio, pois, no meio da mudança, encontrei alguns papéis de escola do seu pai, que estavam guardados conosco. Nem seu tio se lembrava mais, mas como Klaus-Peter era professor de história na Alemanha, talvez seja essa a razão. Entre os achados, encontramos um ditado que seu pai escreveu quando criança na escola. Trata-se de um trecho de "Gudrun", uma saga épica germânica, escrita por volta de 1230/1240 nas regiões da Baviera, Alemanha, e da Áustria. Como Gudrun é o seu nome também, achei que você gostaria de ter esse ditado. Não havia pensado, até então, que talvez daí tivesse vindo o seu nome. Será? A letra do seu pai era bem caprichosa e bem-feita na época. Será que ele ainda escreve assim? Gostaria que você tivesse algo dele; do seu passado, da sua infância na Alemanha.*

*Espero vê-la em breve.*

*Abraços,*

*Madeleine von Kliphausen*

Que surpresa! No entanto, o mais confuso ainda estava por vir: eram as páginas seguintes do tal ditado. Gudrun sentiu um arrepio enorme penetrar em suas entranhas à medida que lia as palavras, enquanto devorava as sentenças daquele papel amarelado, que foram escritas pela mão do seu pai há décadas! Nem sabia se poderia chamar “aquilo” de uma história escrita num papel, tão real, tão palpável foi se tornando tudo aquilo. Era como se a jovem sáísse do seu mundo cotidiano e fosse, aos poucos, entrando num outro. No segundo parágrafo, já se sentia como se caminhasse dentro de um castelo, que lhe era muito familiar; como se tivesse vivido a sua vida inteira ali.





